

VENDA DE RAÇÃO ANIMAL CONHECE ESPECULAÇÃO JAMAIS COMETIDA

★ Preços sobem de semana a semana no Xipamanine

A carência de ração animal no mercado interno tem, de há uns tempos a esta parte, trazido enormes problemas na criação de animais de pequena espécie, quer entre criadores reconhecidos, quer entre a população e unidades produtivas, que vêem constantemente as suas aves ou quadrúpedes a mudarem de aspecto ou a morrerem de fome. Por outro lado, o reaparecimento espontâneo dessa ração origina, como qualquer outro produto de primeira necessidade, no «mercado negro» (principalmente), situações de especulação, que tendem a aumentar de gravidade.

O caso, que anda de boca em boca entre criadores de animais de pequena espécie (em quantidades suficientes para os mercados ou simplesmente para alimentação caseira), suscita a necessidade de uma intervenção imediata das estruturas competentes, porquanto a gravidade dos preços especulativos, aplicados na venda desses produtos (geralmente no mercado negro, já que no mercado «branco» nada aparece), aumenta astronOMICAMENTE de bazar para bazar e de vendedor para vendedor.

Exemplos flagrantes da especulação resultante da falta de controlo na venda desses produtos e da carência da ração animal nas casas de especialidade e no mercado normal, obtivemo-los ontem, em muitos mercados da Cidade e arrabaldes, por onde se distribuem os vendedores ambulantes na mira de obterem lucros que ultrapassam os 100 por cento dos ganhos resultantes da venda de qualquer artigo.

Assim, no mercado de Xipamanine, onde se abriga a maior parte desses vendedores em «mercado negro», através de uma conversa com alguns compradores assíduos (devido aos problemas que a criação lhes causa e com «mestres» de especulação, constatámos que uma lata com aproximadamente 5 quilos custava na semana passada 100,00 MT e que, a partir de ontem, passou a custar o dobro.

Para além da lata, que na semana passada custava 100 meticais (contra 75 meticais vendidos para cada saco pela fábrica), os preços de outras latinhas inferiores, com aproximadamente 1/4 e 1/2 quilos, subiram sucessivamente de preço para 5 e 10 meticais, respectivamente (também contra 3 meticais por quilo). A ordem de venda da ração por aquelas medidas alastrou-se já de tal forma que, em todos os bazares da cidade, aqueles vendedores aplicam no mínimo estes preços, podendo eles ser aumentados consoante a gravidade da falta do produto.

AS CAUSAS DO MAL

Embora não tenha sido possível contactar com a unidade produtora da ração animal (especialmente farelos para galinhas e patos), alguns criadores de aves adiantaram que as quantidades produzidas pela fábrica não são suficientes para responder às crescentes necessidades de alimentação dos animais, que em cada família ou unidade se criam em grande ou pequena quantidade, conforme as circunstâncias.

Em consequência disso os produtos para animais de pequena espécie desapareceram das casas de especialidade e dos mercados há bastante tempo. Como para qualquer outro produto, sempre aparecem no «mercado negro» pessoas promovendo a venda dos artigos em falta. Para a ração, começaram também

a surgir pequenos negociantes do produto que acabam por enriquecer num abrir e fechar de olhos, consoante as zonas da sua actuação, tenham ou não maior número de compradores — adiantou um dos clientes contactados no Xipamanine.

Como diria José Joaquim Ruas, trabalhador dos CFM em Maputo, e comprador a quem coube a «sorte» de pagar 100 meticais por 4,250 kg (quando legalmente deveria pagar nada mais, nada menos que 12,50 meticais, entendendo-se que o quilo custa 3 meticais), «estes vendedores andam de mercado em mercado e enriquecem à custa das nossas necessidades, pois não podendo comprar directamente na fábrica, somos obrigados a comprar deles a pouca ração que aparece por aí fora».

«É por extremas necessidades que muitos de nós compramos a preços especulativos e não é por que tenhamos muito dinheiro. Se não compramos estamos, por outro lado, sujeitos a ver as nossas galinhas e patos a morrerem de fome» — acrescentou José Ruas, a justificar a razão pela qual se viu obrigado, ontem, a comprar 4,250 kg por 100 meticais.

Outro interlocutor por nós contactado no bazar do aeroporto (vulgarmente conhecido por «azantarine») disse ser uma questão preocupante a venda de ração e que era necessário que as estruturas intervissem urgentemente, pois a gravidade da especulação em volta da compra e venda deste produto subia de dia para dia. «Não compreendo que 1/4 de um saco que custa menos que cem meticais, venha a ser vendido por triplo ou quádruplo do preço de um saco» — comentou João Mazive, adiantando que conhece casos ocorridos na semana passada no bairro de Xipamanine (imediações do aeroporto) em que dois sacos (a 75 meticais na fábrica), foram vendidos a 700 e 550 meticais por e a pessoas diferentes.

«Lucrar mais do que metade do preço a que nós compramos o produto, isso não é permitido pela lei nem pela justiça» — diria a terminar e evocando que «é necessário que as estruturas competentes resolvam o problema, uma vez que no mercado e nas casas de especialidade o produto não aparece, julgo ser oportuno que a fábrica defina bem a quem deve vender esses produtos».